

BARROS PINHO

José Maria Barros de Pinho: Teresina, 25.05.1939.

Bacharel em Administração pela Escola de Administração do Ceará.

Professor em colégios de Fortaleza, Diretor-fundador do Colégio Oliveira Paiva na mesma cidade.

Vereador (PMDB, 1979-1982), deputado estadual (1983) e tendo sido ainda Secretário de Cultura, Turismo e Desporto do Estado do Ceará, (1985).

Membro da Academia Cearense de Letras.

DO AUTOR

POESIA

Planisfério. Fortaleza: Imprensa Universitária da UFC, 1969.

Natal de barro lunar e Quatro figuras no céu. Fortaleza: Ed. Projeto, 1970.

Circo encantado. Fortaleza: Gráfica Editorial Cearense, 1975.

Natal do castelo azul. Fortaleza: Cearte, 1985.

As pedras do arco-iris. Ou Decreto de um rei. Fortaleza: Editora da Universidade Federal do Ceará, 1988.

PARTICIPAÇÃO EM ANTOLOGIAS

Mini-Sinantologia. Fortaleza: Sin, 1968.

Sinantologia. Fortaleza: Sin, 1968.

Antologia dos novíssimos contistas do Brasil. Rio, INL, 1963.

SOBRE O AUTOR

AZEVEDO, Sânzio de. *Literatura cearense*. Fortaleza: ACL, 1976.

BENEVIDES, A. Eduardo. O poeta do Natal e dos circos encantados. In: *Natal do castelo azul*.

CARVALHO, Francisco. *Ibidem*.

LYRA, Pedro. Poesia e solitarismo em BP. In: *Poesia cearense e realidade atual*. Rio de Janeiro: Cátedra/INL/MEC, 1981.

NASCIMENTO, F. S. Poesia encantatória. In: *Circo Encantado*.

OLIVEIRA, Eusélio. Mesofácio. In: *Planisfério*.

ODE AO AMOR DO MAR

gosto do mar
pelo absurdo
sensual
de suas sereias
pelo encrespar
do vento
no ventre
de peixes
abomináveis

pelo lésbico
despudor
das ondas
violentando
as águas

gosto do mar
absorvendo
sol
na máscara
de bronze
dos pescadores

gosto do mar
mistério azul
das mulheres-marinhas
visivelmente estranguladas

gosto do mar
concupiscente
e paradoxal
em seus horrores

DOMINGO

hoje é domingo
o bom dia da tristeza
o céu é menos azul
a cidade uma criança
pelos cantos sem brinquedos

BALADA DA RUA AUSENTE

minha rua
nasce e morre
sem placa
da prefeitura

os meninos
já não disputam
os ventos
para os papagaios

homens feitos
ilustres burocratas

as namoradas
namoram
menos
mulheres
parideiras
de outros homens

o pião
ainda pia
no eixo
de meus olhos

o circo
que passou
eco do palhaço
que às vezes somos

na quitanda
de meu pai
vendi banana
vendi sabão
vendi olhar

SANTO ANTÔNIO NOME DE RUA

a rua santo antônio
tinha mesmo
vocação poética
não é que lhe deram
o nome de olavo bilac

num alto perto
de uma faveira
morava o poeta
mário bento
meu professor
de decassilabo

mais abaixo
quem morava
era a madrinha dodó

na quitanda
rezando
e vendendo
cigarro selma

em frente
num casarão
uma loirinha
burguesa
tocava acordeon

no quarteirão
seguinte
meu pai me fez
proprietário
de uma garapeira
onde apenas ganhei
duas namoradas

rua santo antônio
do menino
metendo os pés
em tuas águas
do adolescente
que te fez revelações

rua santo antônio
de teresina
das mangueiras
das carambolas
e dos quintais

CANTO DO GALO DE BARRO

os místicos
eram
tão solenes
que esperavam
o galo da matriz
cantar

madrugadas
adentro
ouvindo
esse coro-co-có

e nunca
descobriram
que o galo
era de barro

PENÉLOPE

tenho as mãos
cheias de cargas elétricas
os olhos atônitos
como um robô pacífico

na cabeça
trago poemas
que improvisarei

e os braços
como os de ulisses
dispondo a nave para penélope

STALINGRADO

a neve com suas úmidas mãos
e seus dedos frios
gelificou os puros soldados
da wehrmacht

a exasperação de aço
e os alaridos de hitler
eram fantasmas na estratégia
do militar-poeta que foi von paulus
avança soldado leva a alemanha além do voga

do fundo do gelo como um tufão
ergueu-se o espartano stalin
e num místico canto de esperança
joga sol sobre seu povo

russo nem um passo atrás

e a neve se movimenta sufocando a tirania
e a liberdade ainda agora é uma promessa
(Planisfério)

DECRETO DO RIO

ora a rua
onde nasci
fica longe
de paris
bem perto
do rio parnaíba
e tão íntima
da vida

(As Pedras do Arco-Íris ou o Decreto de um Rei)

VERDES CATA-VENTOS DAS COLINAS

espanha primitiva nas pescas de hemingway
o sonho faiscante de cervantes
nos ombros magros de dom quixote
o sol mais olímpico da europa
no céu azul clássico de solidão
azulejos nos palácios das princisas com hímen de prata
igrejas no patamar da idade média
homens ajoelhados no culto do silêncio
a sofrer na pele a dor íntima da palavra
nos caminhos a neve estrangulando
uma a uma o corpo das flores algemadas

espanha olha na asa dos abutres
a longa noite dos enforcados
o calcanhar dos camponeses na rota das aldeias
a sombra de pilar na volúpia das águas
a esperança de pablo nos cornos dos touros nunca vencidos

as tranças verdes do poeta garcia lorca
morto no cavalo pelos altos nas montanhas
de olho na lua na barca lúdico sobre o mar
espanha também de franco colecionador da morte
dragão nas colinas imensas do sem-fim
nos rodopios do vento quente que vaga devagar
pelas linhas tortuosas nos calabouços do martírio
molhando de sangue os pés do mundo

espanha arrancaram o pudor do teu mistério
o tirano carrega a tirania a tiracolo
o céu azul agora tem manchas rubras
é o rosto lenhado dos revolucionários imberbes
a lua tem cara de menino só de chorar
a guerra engoliu a planta dos pés republicanos
o espanto anda contigo empreiteiro da morte
muito além de tua cabeça nascem vertentes
seiva das rosas que teus braços esmagaram
na fúria de aço dos tanques de hitler
suporta franco o gemido do mundo e o perfume da terra
nas cordilheiras das américas voam pássaros
que te arrancam os olhos pelo bico

espanha de novo o vento vai bater na pele da poesia
nas estradas correm cata-ventos vadios como meninos
um minuto na história tem mais idade do que as rugas
de meu avô.

que viveu quase cem anos no ofício de matar onça
com vidro nos olhos azuis no fogo do sol
terra ibérica teu sono atingiu a linha dos abismos
é hora de acordar portugal teu parceiro na tirania
vem acordando nas escamas dos peixes ainda não pescados

as raízes da áfrica estremecem ferindo a placenta
das baleias
e as velas no mar se encolhem com vergonha do vento
acorda espanha as fontes se aglutinam
na cabeça dos homens arrumadas como relâmpagos
o sol amarelo gema de ovo bate no passo do gado
lorca ainda é verde na folha da aurora
acorda espanha a noite acabou

(Circo Encantado)

NOITE DE NATAL

na noite de natal
às vezes a gente consulta
o álbum de família

a supresa informa
que um vazio anda
pelos cantos na sala de visita

na parede o espelho
reflete o tempo
e o tempo não se sabe refletido

na noite de natal
os mortos são radicais
só sabem viver com os vivos

O GALO AZUL DE NATAL

natal
 onde está a vida
 e a metafísica
 das coisas
 inanimadas
 o pedaço
 da lua
 que o homem
 comeu na caça
 das estrelas
 e a dasdores
 que vi de encarnado
 na missa do galo
 na oração
 de outro destino

natal
 onde está
 o longe nos olhos
 dos bois
 no exercício
 do engenho
 canto bom
 na metáfora
 mais simples
 da solidão
 e o presépio
 pecado de ternura
 onde nem deus via
 os adolescentes
 guardando nas mãos
 o corpo das namoradas

natal
 o galo azul
 vai cantar
 no desenho
 da garganta
 dançam
 todas as linhas
 da aurora

(Natal do Castelo Azul)

BALADA SIMPLES DA JANELA DE MARIA

a janela
é o mundo
na aldeia

o sonho
corre
nos olhos
da donzela

o amor
tem as sílabas
da solidão

a janela
no seu edifício
de tristeza
é o lugar
onde maria
de tanto esperar
espera o pôr-do-sol